



“Meu ponto de vista é negro, minha lente também”

– Entrevista¹ com a fotógrafa Luiza Bomfim

“My point of view is black, so is my lens”

– Interview with photographer Luiza Bomfim



Figura 1 – Luiza Bomfim

Luiza Bomfim é fotógrafa, cientista social e produtora cultural sergipana. Co-criadora do Slam Mulungu (@slammulungu) e participante do Coletivo Mulambo.

¹ Esta entrevista foi realizada e aqui transcrita pelo Grupo de Pesquisa VISU - Laboratório de Práticas e Poéticas Visuais, através do projeto de pesquisa Olhos Negros: Visibilidades e alteridades na fotografia negra contemporânea brasileira (UFRN), formado por Daniel Meirinho (PPgEM/UFRN), Rodrigo Almeida (UFRN), Carmem Felix (UFRN), Gabriel Ripardo (UFRN), Sandra Costa (UFRN), José Laerton Santos (PPgEM/UFRN), Pedro Almeida (UFRN) e Kelen Ferreira (UFRN), Raylena Evelyn (UFRN) e Anthony Rodrigues (UFRN).



Comprometida com a luta antirracista, Luiza trabalha com fotografia desde 2017 e organiza cursos de formação e debates, com a finalidade de ampliar a reflexão das narrativas imagéticas que retratam a história e os valores das trajetórias negras e sexualidades dissidentes no Nordeste brasileiro. Enquanto mulher negra, nordestina e bissexual, acredita no movimento coletivo como pilar para a afirmação de novas vivências, a celebração das diferenças e a autodefinição da história de pessoas negras. Desenvolve o projeto *Ressignificar* (@ressignificar²) que apresenta, através de fotografias, o acolhimento, a transformação e as conquistas de pessoas negras a partir de uma perspectiva de liberdade de gênero e sexualidade, em uma tentativa de espelhar sua própria história. Como ela mesmo diz: “meu ponto de vista é negro, minha lente também”.

Esta entrevista foi concedida à série de debates *Encontros.ON*, organizada pelo projeto de pesquisa Olhos Negros³, alocado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e coordenado pelos professores Daniel Meirinho e Rodrigo Almeida, do Departamento de Comunicação Social da UFRN, como atividades de iniciação científica. A proposta do evento de extensão *Encontros.ON* passa pela realização de conversas mensais com fotógrafos/as/es, realizadores/as/es, cineastas e artistas visuais negros/as/es de todo o país que ampliam e tencionam a questão da presença negra na fotografia e no audiovisual. O convite para a fotógrafa Luiza Bomfim, que abre os encontros das séries de conversas com artistas negros, foi motivado pelo interesse do projeto Olhos Negros a respeito das práticas, saberes e potências de produção, circulação e questões que envolvem uma existência na racialidade e representação de corpos negros no campo da cultura visual brasileira.

Compreender as estratégias de representação, visibilidade e resistência na fotografia negra contemporânea brasileira é um caminho para identificar os diferentes aspectos e simbolismos desta produção visual autoral racializada, isso a partir de uma

² Ver mais em <https://www.instagram.com/ressignificar>.

³ O projeto *Olhos Negros: Visibilidades e alteridades na fotografia negra contemporânea brasileira* busca mapear, catalogar e inventariar produtores fotográficos negros e que atuam nos diversos territórios do país. A pesquisa é desenvolvida desde 2020 no Departamento de Comunicação Social e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e busca ampliar debate sobre decolonialidade, fotografia, questões raciais, estigmas e cultura visual a partir de estratégias contestatórias de representação e resistência racial que recaem sobre as imagens. Ver mais em <https://www.instagram.com/projeto.olhosnegros>.



reflexão sobre uma estética decolonial negra na constituição cultural, artística e visual no país. Como avançar os debates em torno dos estereótipos de discursividade e representatividade na fotografia, no audiovisual e nas artes visuais contemporâneas sem compreender os entraves de inserção destes artistas e produtores negros no mercado de arte e produção midiática? Estas eram algumas questões circulantes nos debates do projeto de pesquisa Olhos Negros que foram, então, aprofundadas na entrevista com a fotógrafa Luiza Bomfim.

Ao se autodeclarar como uma fotógrafa negra, Luiza Bomfim indica, nas suas imagens, o seu lugar de fala, e traduz politicamente a urgência de um debate racial no seu tempo e na sua história (NASCIMENTO, 1978; MUNANGA, 1986; MBEMBE, 2018; hooks⁴, 2019). Omitir as questões raciais de suas imagens poderiam, em sua leitura, contribuir para um apagamento da pluralidade de olhares e perspectivas, na qual se encontra inserida. Cientista Social pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), fotógrafa e educadora, Luiza cria imagens que elevam a história e o valor das trajetórias negras e sexualidades dissidentes da sua comunidade.

Uma referência importante na produção fotográfica negra contemporânea nordestina e brasileira, Bomfim, em seu trabalho acolhe questões estéticas sobre beleza negra, autoestima, gênero, racismo, sexualidade e religiosidade afro-brasileira. A seguir, transcrevemos a conversa realizada, de forma remota, no dia 3 de agosto de 2021, com participação dos inscitos para o debate e transmitida pelo canal do Youtube do projeto⁵. A mediação foi da pesquisadora e bolsista de iniciação científica Carmem Felix (UFRN) e do pesquisador José Laerton Santos da Silva (PPgEM/UFRN) pesquisadores integrantes de iniciação científica do projeto de pesquisa Olhos Negros.

PROJETO OLHOS NEGROS - O cotidiano na sua produção é algo muito marcante. O seu projeto, *Cotidiano Afetivo*, mostra o cotidiano de pessoas pretas e a afetividade

⁴ A escritora e ativista negra norte-americana Gloria Jean Watkins adotou como pseudônimo o nome da sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A escolha da letra minúscula é uma preferência da autora para as referências das suas obras, justificada pelo interesse da atenção ser concentrada no enfoque ao conteúdo da sua mensagem desenvolvido em suas obras ao invés de em si mesma. Cf. bell hooks. *Talking back: Thinking feminist, thinking black*. Boston: South End Press, 1989.

⁵ A entrevista completa disponível pelo link <https://youtu.be/6xqTa1bLCbM>.



a partir de um suporte expressivo. Como é, para você, a relação entre sua trajetória e o cotidiano, quando você fala “vivi entre a periferia e o interior, transitando entre mundos que forjaram meu caminho até a fotografia”? Como foi esse caminho?

LUIZA BOMFIM - *Cotidiano Afetivo* é um projeto que nasce da minha necessidade de olhar para o ser preto a partir da diferença, principalmente. E aí eu vou contar um pouco do minha história, para entender porque eu tenho tanta curiosidade em realmente defender e contar nossas trajetórias individuais racializadas, enquanto pessoas pretas e indígenas. Porque é delas que se fazem as memórias. Eu nasci num lar que não era evangélico, mas muito cedo, aos cinco anos de idade, meu pai se converteu. Falo disso porque é algo que mudou totalmente minha vida. Então, durante muitos anos o que eu vivi foi uma experiência do que é ser evangélico dentro da periferia. O sentimento de estar desajustada e não me sentir encaixada e em nenhum lugar, e até ser muito solitária por conta dos meus pensamentos, tinha muito a ver com o fato de eu ser evangélica e de meu pai sempre privar a gente do espaço público.

Estávamos sempre muito em casa. Ir aos cultos era a nossa rotina. Então, a forma como o meus me ensinaram a me colocar no mundo era sempre numa forma de “vocês têm que estar bem arrumada, tem que estar bem *vestida*, tem que estar *cheirosa*, tem que ser uma boa aluna, tem que se esforçar mais e mais”. Toda minha visão e construção de mundo foi construído a partir de um prisma cristão. Obviamente, eu já me sentia desconfortável e deslocada, principalmente na igreja. Minha experiência sempre foi composta por pessoas brancas. Desde muito cedo, a gente vivia situações raciais muito violentas, muito expressivas e principalmente, classistas. Morávamos na periferia da cidade de Nossa Senhora do Socorro (Região Metropolitana de Aracaju), e a gente se deslocava para o centro de Aracaju para participar de um culto na sede (Igreja).

Então, a forma como meus pais me colocaram no mundo foi de que “tem alguma coisa de errado (em você) e você precisa melhorar para ser vista e aceita”. Eu entendo muito o lugar disso, porque imagino todas as experiências deles, do que foi ser uma pessoa preta e pobre. A família do meu pai veio da Bahia, e a da minha mãe de Alagoas e nossa



realidade sempre foi muito caótica financeiramente. Por muitos anos, essas experiências marcaram a nossa vida.

Depois, o meu pai foi ser pastor no interior e fomos para uma cidade de cinco mil habitantes. Obviamente, vamos ter experiências de racismo em todos os lugares que estivermos, porque é isso que fazem com o corpo preto. Mas, quando você vive numa cidade tão pequena, totalmente conectada com uma história de orgulho de seu surgimento a partir de uma fazenda que tinha uma Senzala, isso é muito difícil. Eu sempre fui uma pessoa muito tímida. Falar foi uma coisa que me foi cerceada. Então, fui sempre mais observadora de tudo. Quando estávamos dentro dos conflitos, com o meu pai principalmente, os momentos que eu mais me sentia conectada com minha família, e com ele, eram quando sentávamos e olhávamos nossas fotos. Meu pai, quando jovem, fazia algumas fotografias de paisagens e dos amigos. Então temos muitas fotografias que ele tirou. Eu ficava impressionada e perguntava: “foi o senhor que tirou?” Era uma coisa super fora da minha realidade financeira.

Esses eram momentos que eu estava bem e que me sentia bem. Era um momento de afeto que eu me encontrava. Depois, já na vida adulta, quando eu me assumi e saí do armário, tudo na minha vida mudou. A relação que já tinha muito ruído com meu pai, só pirou. Com a minha família também. Esse era o momento da minha vida que eu estava começando a entrar na discussão racial, me entender e mudar tudo. Me afastei da igreja com 24 anos e, no ano seguinte, me assumi. Foi quando as coisas começaram a dar um 360° na minha cabeça. Imagine, por tanto tempo, ver o mundo a partir de apenas uma ótica e uma verdade como universal. Ver a salvação a partir de um Deus. Todas as coisas que já me incomodavam desde a minha adolescência, e que eu não podia falar, vieram à tona com mais força.

A fotografia entrou na minha vida nesse passo. Neste momento que eu estava me descobrindo e rompendo com esses valores da minha família. Que eu estava me afastando desse contexto opressivo de ideias, valores e comportamentos. A fotografia, para mim, foi algo que me salvou. Eu vinha de uma experiência de negação por muito tempo e sequer cogitei ser fotógrafa. É muito difícil pensar quando o racismo já nos cerceia o pensar. O sonho começa no pensar. Como ter combustível para mudar nossa própria realidade?



Nessa época eu não tinha nenhuma base, referências, nem onde me apoiar para conseguir fazer uma mudança que não me quebrasse tanto. Foi um período que entrei em depressão e que descobri que eu tinha transtorno de ansiedade. Na época, estava me formando em Ciências Sociais. E aí, desemprego. Toda aquela situação. Nesse momento, o único contato que eu tinha tido com a fotografia foi na universidade, mas nunca tinha pensado e elaborado, porque eu nem sequer me permitia pensar na possibilidade de comprar uma câmera e me desenvolver como fotógrafa. Em 2017 ganhei uma câmera. Fiz uma oficina com uma amiga fotógrafa chamada Janaína Vasconcelos, daqui de Aracaju, e foi aí que comecei a pensar e sonhar com essas possibilidades.

Foi um momento que eu estava dando aula em uma escola e tudo que eu ganhava colocava no equipamento fotográfico. Comecei a tirar fotos, pensar profissionalmente em possibilidades de como fazer rentável a minha fotografia. É neste caminho que ando até hoje. Para mim, essa possibilidade tem o significado de romper a minha condição de silenciamento. Na fotografia me expandi e consegui pensar em outras possibilidades de ser uma pessoa além dos papéis de gênero que compulsoriamente eram impostos. Desde pequena fui condicionada a pensar em casamento e em ter filhos e minha vida girava em torno disso. Por muito tempo era a coisa que mais me agoniava e assustava. Me entender como uma mulher, preta, bissexual foi um choque. Ainda vou ter que enfrentar a heteronormatividade? Eu idealizei um lugar seguro e acolhedor, mas que também nunca foi um ambiente que não pensava na condição de pessoas LGBTQ'S e da cisheteronormatividade.

Pensar na coletividade – como universalidade – é uma forma totalmente diferente de engessar as nossas experiências individuais. Em favor de uma história única, pensamos como pessoas brancas. Para mim, pensar em histórias individuais é pensar em outros mundos, que fujam da heteronormatividade, da ideia de uma verdade única e que consigam acolher a gente como um todo. Um resgate de *Ethos* cultural que não é apenas narrativas de dor, mas que tem outras narrativas além da heteronormatividade.



PROJETO OLHOS NEGROS - No seu processo de criação, você nota que também existe esse transbordar? Há esse processo de cura em que você se modifica através da imagem?

LUIZA BOMFIM - Totalmente. O projeto *Cotidiano Afetivo* é um projeto que vai ter isso muito forte. Eu decidi contar a experiência de pessoas pretas que estão vivenciando outras formas de afeto dentro da sua própria casa, pensando no bem-estar e saúde mental. Quais são as formas de resistência que você está elaborando para conseguir sobreviver na sua própria casa? Nesse primeiro momento, fiz algumas fotos e compartilhei no perfil do projeto. Para mim, a fotografia não é só minha, pois é também de quem está ali sendo fotografado. Pensando nisso, surgem duas coisas: desenvolver a capacidade de poder executar uma ideia e de me conectar às pessoas em suas dores. Compartilhar uma situação em que vivida por muitas outras mulheres lésbicas negras.



Figura 2 - Imagens do projeto Cotidiano Afetivo – Luiza Bomfim

A forma como vejo a história dessas pessoas é também uma forma de encontrar caminhos e saídas para mim, para essas mazelas que estão dentro de mim. Aos juntar esses cacos que estão distribuídos pelo chão eu vou me entendendo mais na minha existência, e que hoje posso criar novos mundos, pensar em outras possibilidades de saída e formatos de família. As pessoas me oferecem respostas para perguntas antigas e dentro dos seus cotidiano e de suas formas de sobrevivência. E é isso que eu quero retratar no projeto *Cotidiano Afetivo*. Como as pessoas estão fazendo para lidar e transformar um momento de dor, se movendo além da dor? Para isso, é preciso entendê-las. Para mim a fotografia é uma resposta e uma possibilidade de saída para se ver de outra forma.



Esse ensaio teve dois momentos. No primeiro momento, busquei representar o Caboclo dentro da ideia da Jurema, processo de cura dentro do fazer religioso e compartilhar também um pouco sobre autoestima. E o outro momento passava pela construção da autoimagem, da criação uma conexão íntima e pessoal de reencontro com a Jurema, através do processo de macerar as ervas, de organizar o espaço, de encher a tigela, de pegar o cachimbo e fumar. Era algo que tinha muito a ver com autoimagem, com se conectar consigo mesmo e entender capacidade e valores. Para mim, é muito importante que a gente encoraje pessoas a fazer um discurso sobre si, se apresentando como gostaria. Esse é o ponto de vista que ela escolheu revelar para o ensaio.



Figura 3 e 4 - Imagens do projeto Cotidiano Afetivo – Luiza Bomfim

PROJETO OLHOS NEGROS - Você é uma artista com várias facetas e uma produção extensa. GANHOU alguns prêmios nessa trajetória. É vista como uma influente mulher negra em Aracajú e no Nordeste. Quais foram suas referências nessa trajetória?

LUIZA BOMFIM - Em 2014 eu iniciei um projeto chamado *Por mais turbantes nas ruas*, juntamente com a Rita Romão. Na época, ela estava terminando o curso de



Publicidade e eu o de Ciências Sociais. Fizemos uma atividade na escola que a mãe da Rita dava aula e que contava com uma oficina de turbantes. Adoramos a ideia. Conhecíamos a pouco tempo os turbantes. Então, começamos a estudar sobre a possibilidade de como discutir a questão racial com os alunos, através do que seria uma identidade negra. Naquele momento, estávamos conhecendo novas referências e foi uma forma de transformar aquele conhecimento complexo em um conteúdo e uma atividade, em que os alunos conseguissem entender a discussão que estávamos propondo. Desenvolvemos a oficina de fotografia na escola, com enfoque na discussão racial, assim como oficinas de escrita para que os participantes falassem das questões que vivenciavam racialmente.

Nesta mesma época, ganhamos um prêmio de cultura afro-brasileira em São Paulo, que foi motivo de muito orgulho e de reconhecimento da nossa trajetória e do nosso trabalho. Ficamos ainda em segundo lugar no prêmio *Inventividades*, do projeto *Desabafo Social Criativo* com o projeto *Por mais turbantes nas ruas*, que depois atualizamos o nome para *Nós Negros*, incorporando questões como empreendedorismo social.

PROJETO OLHOS NEGROS - O seu trabalho tem uma questão que remonta à uma ideia de memória, de arquivo, inventário. Parece que esse inventário, principalmente do povo negro brasileiro, afro-diaspórico e indígena, de alguma forma foi apagado, silenciado. A sociedade brasileira nunca teve a preocupação com essa história e memória, ou sempre a colocou dentro de um lugar de exótico. Você acha que sua fotografia, de alguma forma, vem criar um novo arquivo sobre essas memórias?

LUIZA BOMFIM - Tenho me apoiado muito no conceito de fotoescrivências, desenvolvido pela Fotógrafa Wilma Neres, de Salvador, bem como das escrevivências de Conceição Evaristo, que se baseia em três eixos: o corpo, a condição e a experiência. Esse corpo é onde mora esse lugar afirmativo, ou da possibilidade da afirmação identitária contra todos os estereótipos e as formas como fomos representados por muito tempo, e



ainda somos, na verdade. O segundo é a respeito dessa condição da pessoa negra de retornar a essa consciência cultural. E por último, fala sobre todas as experiências vividas a partir desse lugar, e também da possibilidade de criar redes de solidariedade.

Quando eu penso na minha fotografia e para onde eu gostaria que ela seguisse, eu gostaria que ela contasse essas histórias e funcionasse como fotoescrivência. Eu acredito nela como um instrumento discursivo potente para reelaboração de nossas noções do mundo, fortalecendo nossas ferramentas de sobrevivência. Estas fotoescrivências vão servir para compor, apresentar e defender um ponto de vista, a partir de repertórios visuais que nos possibilitam refletir e questionar a representação visual através de uma fotografia que possa romper silêncios e propor mudanças. Ser representada por outra pessoa preta e representar outras pessoas pretas é estar nesse diálogo de construção de um outro lugar sobre o registro, não invasivo e que não seja objetificador, degradante como foi e está ainda sendo a forma como a mídia veicula nossa imagem. Pensar na consciência racial é pensar que estamos dando novos rumos para a fotografia para a posteridade. É difícil pensar o tempo de hoje quando estamos vivendo nele, mas é preciso ter em mente que a gente existe em um sistema racista, que impedem nosso crescimento simplesmente por sermos Pretos. Pensar em condicionar o nosso ser à uma ideia do ego branco solapa totalmente nossas possibilidades de olhar para si. É a possibilidade de retornarmos a essa consciência política, do nosso *ethos* cultural, das nossas religiões, do nosso ponto de vista, do nosso fazer, para que ele não fique apagado.

Se há uns 20 anos a gente tinha a produção fotográfica de pessoas negras em um contexto muito escasso, hoje vivenciamos uma ascensão de pessoas que estão produzindo narrativas fotográficas que apresentam a condição social do povo negro. Reunir essas experiências é reunir essas memórias, para que outras pessoas possam lidar de forma mais saudável ou compreensiva com questões mais adiante e que sejam referências para a formação dessa autorrepresentação. Forjar seus repertórios visuais, especialmente na rapidez da internet e da mídia, em que tudo tem que ser muito bonito, nos faz refletir o que está por trás dessa imagem. O que esse fotógrafo pensou? O que esse modelo sentiu? O que é que deve ser transmitido?



Se não olharmos para a imagem de uma maneira crítica, seremos sugados por um sistema que agora se diz diverso e inclusivo, mas que na verdade está cumprindo novamente o seu papel racista de nos simplificar. Que nos constrói apenas a partir das nossas experiências raciais e nos limita a falar apenas sobre isso. Eu adoro falar sobre esse tema (o racismo), mas podemos falar de outras coisas também. É um fetiche branco que as pessoas negras só falem a respeito da dor, da hipersexualização de nossos corpos. Esse olhar objetificador que faz isso. É preciso romper esses desejos e limitações para reelaborar novas narrativas, a partir de pontos de vista outros, inclusive dentro da comunidade negra.

Já me preocupei muito em como as pessoas iriam ler minhas imagens. Hoje eu estou mais preocupada no que eu vou criar e aprender com as pessoas que fotografo. Entender que quem está vendo as minhas imagens também está inserido num contexto sociocultural de visões e valores racializados.

Em 2019 eu fiz uma série de imagens de uma festa chamada *Fugácida Amarga*, que aconteceu em Aracaju, que é um espaço sobretudo LGBTQ e de corpos racializados. É um universo que eu não pertencço, da música eletrônica, mas fui convidada para fazer esses registros, só quis fazer isso porque, para mim, era uma materialização dessa possibilidade de pensar em outras formas de vida e histórias de pessoas que estavam também postulando o que é a negritude.



Figura 5 – Imagem da série *Bueiro de Ouro* – Luiza Bomfim

Essa é uma das fotos que eu mais gosto da festa *Fugácida Amarga*. Ela se chama Pérola e é uma cantora trans muito potente aqui de Aracaju. Para mim, essa possibilidade de existir fora de uma lógica, que até então havia sido apresentada para mim como a correta, foi libertadora. Sempre penso que o meu ponto de partida foi conservador, e isso foi mudando ao longo do tempo, e que só em 2015 eu me desvinculo disso, tendo em 2019 essa experiência maravilhosa de estar nesses espaços.

PROJETO OLHOS NEGROS - Como você vê a cobrança de ser um corpo negro que tem quase uma obrigação moral, estética e política de trazer sempre o



tema da racialidade em suas imagens? Da liberdade e direito de produzir e contar outras narrativas que não sejam atreladas apenas a questão racial?

LUIZA BOMFIM - Eu penso que, quando as pessoas entenderem que falar de racismo, ou ter sofrido racismo, não é o traço mais forte de nossa identidade, vão poder compreender que nossa produção artística, poética e de vida não precisa falar de racismo para ser Preta, só porque aquele corpo está produzindo isso é uma produção preta. Aquilo que vem da elaboração de uma pessoa negra é também uma experiência racial. As pessoas acham que experiências raciais são aquelas em que falam sobre o racismo, mas as experiências raciais, no contexto brasileiro, é toda a nossa experiência de vida.

Essa ideia de que se você é preto e só tem que falar da temática racial vem desse mesmo lugar, que enquanto pessoa periférica não pode divergir de alguma abordagem a respeito de uma realidade universal da periferia. A mudança social me fez ficar um pouco perdida, pois criamos uma certa culpa por tentar ter o mínimo das coisas que eu nunca tive antes. Parte da mesma ideia de que a única experiência da periferia é uma experiência em que você está na rua. Mas também existe uma periferia Cristã, ou que não se conecta com essas formas de fazer arte simplesmente por um conflito geracional. As pessoas têm outros interesses. E essas outras pessoas negras e/ou periféricas que estão nesses lugares são menos periféricas por causa disso? Tudo caminha para uma essencialização do que é ser negro, que nos anula enquanto indivíduos. É importante a gente compreender que somos pessoas negras e estamos aqui em rede, mas individualmente temos nossas próprias histórias e trajetórias.

ELANE ABREU (participante e professora da UFCA) – Como você pensa a importância do valor que os testemunhos de mulheres negras podem inspirar gerações, para além de uma escassez destas imagens? Você acha que suas imagens podem contribuir na construção de memórias para que pessoas possam se amparar?

LUIZA BOMFIM – O autoconhecimento me possibilita me entender dentro da minha própria história e me faz reunir todas as partes em algo coeso dentro do meu



trabalho. É importante começarmos a produzir também memórias de aceitação e de glória. Precisamos compreender o nosso lugar a partir dessa pessoa mobilizadora, que age e valoriza a potência do corpo destas pessoas como um verdadeiro documento e memória. Retomar para si essa identidade cultural e se aprender dela, em todas as suas facetas e camadas que nos possibilite analisar os discursos reducionistas, mas também de outras novas memórias de futuro, de aceitação além da escassez. Temos também que começar a questionar os lugares que abrem espaço até a segunda página e que só nos aceitam para falar de racismo e de violência, a partir de imagens que desumanizam nossas existências enquanto seres humanos. O começo se dá por não esperar que algo de fora venha e faça nossas presenças serem legitimadas, mas que a gente entenda esse papel crítico que temos que ocupar na fotografia.

PROJETO OLHOS NEGROS - Como você entende a sua fotografia a partir dos hibridismos com as artes gráficas, a moda e outras formas de expressões artísticas?

LUIZA BOMFIM – Acho muito importante a gente se alimentar de vários lugares, desde a literatura, as artes visuais, à moda, entre outras formas de expressão artística. Muita gente tem sido referência em suas produções de narrativas extremamente potentes e importantes. No momento que você consome essas outras linguagens, facilita a forma como resolvemos problemas de forma criativa, com o que temos em mãos. Quando vejo revistas montarem equipes totalmente composta por pessoas pretas para suas capas vemos claramente qual o peso destas escolhas no resultado final. Isso porque, quem faz a fotografia, a direção de arte, a maquiagem, o cabelo, consome imagens diversas e inclusivas, assim como têm pensado sobre a sua existência na negritude, e isso reverbera nesta nova produção visual contemporânea.

PROJETO OLHOS NEGROS – Muitos fotógrafos, artistas, curadores e produtores audiovisuais migram para o eixo Sudeste com o intuito de entrar no circuito de produção e consumo artístico. Como você se vê a partir de um corpo que



produz do Nordeste e quais os entraves que você identifica a partir deste demarcador de localização geográfica?

LUIZA BOMFIM – Eu tentei ser essa pessoa que imigrava. Mas dei de cara com a Pandemia e voltei. Tem muitas diferenças de quando fui para São Paulo, no início de 2019, e agora. Tinha muitos sonhos de trabalhar com Rosana Paulino, sempre enviando cartas, currículos para as pessoas. Mas depois da Pandemia muita coisa mudou. Hoje consigo trabalhos para São Paulo estando aqui e acredito que isso não aconteceria em qualquer outro momento.

Se por um lado as agências de Publicidade estão se interessando mais por narrativa em loco, fora do Eixo sul-sudeste, por outro, ainda encontramos muitos entraves em termos trabalhos que entrem nas galerias de arte. Os editais têm ajudado muito, mas poucas são as pessoas que têm orientado ou oferecido novas alternativas de circulação do nosso trabalho para além das rede sociais. Ficamos nesta de postarmos para conseguirmos *likes*, a partir de engajamentos, mas é uma outra forma de precarização do nosso trabalho. Nossa arte ainda não tem sido considerada para estar nesses nestes espaços e nesses circuitos, e esse continua sendo o desafio. Eu entendo o deslocamento como uma forma de sobrevivência e de fazer circular o trabalho, mas depois da pandemia eu acho que essas coisas podem ser repensadas a partir de um outro lugar.

Nunca vi tantas movimentações por meio desses editais ou de artistas do Norte e do Nordeste produzindo tanta coisa, se conectando e fazendo diálogos entre a pessoa pretas e indígenas. Pensando sobre solidariedade racial criando seus próprios espaços de reconhecimento e divulgação. Eu tenho uma perspectiva positiva em relação a isso. Acho que a forma como estamos nos organizando dentro dos nossos territórios e caminhando pra valorizar as produções uns dos outros têm nos dado formas alternativas de estarmos nesses lugares. Eu confio muito na potência criativa do nosso Nordeste e do que a gente tem feito nos espaços, que por si só são extremamente frutíferos ao incorporarem a arte preta e indígena. Ainda são poucos, mas já vejo muita gente expondo seus trabalhos em galerias, tanto aqui como no Sudeste. Acredito muito que vamos elaborar os nossos espaços e continuar sobrevivendo, mesmo que a gente não esteja nessas galerias. Mas que



quando tivermos lá representando ou sendo representados seja por completo e não um fragmento do que a gente é.



REFERÊNCIAS

GRUNEWALD, R. Nas Trilhas da Jurema. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 110-135, 2018.

HOOKS, B. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019.

MBEMBE, A. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MUNANGA, K. *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo, Ática, 1986.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. Editora Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1978.